

DEMOCRACIA E LUTA DE CLASSES NO PENSAMENTO DE ELLEN WOOD

DEMOCRACY AND CLASS STRUGGLE IN ELLEN WOOD'S THOUGHT

Pedro Henrique Generino de Alcântara¹
<https://orcid.org/0000-0003-1005-8081>

Ellen Meiksins Wood, historiadora e teórica política estadunidense, nasceu em 1942 e faleceu em 2016. Teve importante papel na tentativa de articulação entre marxismo e teoria da democracia no final do século XX. Crítica de certa ortodoxia marxista, ela buscou desenvolver o que chamou de “renovação do materialismo histórico”, com o objetivo de fortalecer a abordagem marxiana frente ao crescimento de teorias pós-marxistas e pós-modernistas, ambas por ela rejeitadas. Isso passava pela rediscussão da categoria “classe” e de sua relação com a democracia.

Essa é a discussão posta no recente livro *Ellen Wood: o resgate da classe e a luta pela democracia*, de Jefferson Ferreira do Nascimento (2019). O autor se pergunta como, diante do capitalismo de acumulação flexível da era neoliberal, marcado pela fragmentação do mundo do trabalho e por um aparente refluxo da questão de classe, seria possível pensar uma rearticulação entre classes, democracia e enfrentamento estrutural do capitalismo. É no pensamento de Wood que Jefferson acredita haver importantes caminhos

sugeridos, embora aponte também os limites da teoria proposta pela autora marxista. Para tanto, ele se propõe a discutir o que a autora entende por “classe” e o que ela entende por “democracia”.

O debate proposto em *Ellen Wood: o resgate da classe e a luta pela democracia* nega fortemente, como o fazia Wood, a precedência de teorias pós-marxistas e pós-modernistas do final do século XX e início do século XXI, que substituíram a centralidade da produção social e do antagonismo de classe como elementos estruturantes da análise da sociedade capitalista pela ênfase na organização de discursos e de práticas fragmentadas no interior de uma ordem plural, elementos que conduziram a outro debate sobre democracia e a sua relação com o capitalismo. O livro é, na verdade, uma tentativa de refutação dessas abordagens e de reafirmação da centralidade do debate sobre classes e do papel do marxismo como ferramenta analítica a partir das ideias de Wood, diante de grave refluxo na reflexão sobre essa questão.

¹ Assessor Parlamentar na Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco (ALEPE), doutor em Ciências Sociais pela UFRN, mestre em Ciência Política pela UFPE e graduado em Ciências Sociais pela UFPE.

Para tanto, o autor divide a sua obra em três capítulos, propondo-se a discutir o conceito de classe no interior do marxismo e as escolhas feitas por Wood nesse debate, culminando com a apresentação do modelo de democracia substantiva elaborado pela teórica estadunidense. Nesse sentido, organiza o primeiro capítulo em torno das diferentes concepções sobre classe social presentes na abordagem marxista, passando por autores como o próprio Marx, Lenin, Gramsci e Poulantzas.

No segundo capítulo, apresenta a discussão feita por E. P Thompson sobre esse assunto, mostrando como ele articula a sua ideia de classe e de que forma ela impactou o pensamento de Ellen Wood. Thompson não aceita certas interpretações marxistas para as quais se deduz uma consciência de classe que o operariado deveria ter, afetada por distorções atuadas pelas superestruturas e desvendadas por intelectuais e partidos. Ele propõe outra abordagem, que leve em conta o processo de formação da classe em si mesma no bojo da luta de classes. Para o autor britânico, as classes fazem-se a si mesmas e obtêm consciência de si no decorrer do complexo e contraditório processo histórico, a partir de heranças culturais combinadas com as especificidades das relações de produção de períodos objetivos.

No esquema de Thompson, a ideia de “experiência” ganha relevância. As classes ocorreriam porque pessoas herdeiras de costumes e culturas, inseridas em relações de produção, compartilhariam experiências comuns e identificariam interesses. Nesse caso, o ser social e a consciência social são mediados pela experiência. A

revolução industrial, por exemplo, não teria encontrado na Inglaterra seres amorfos e indefiníveis entre os trabalhadores, mas um conjunto de seres que compartilhava experiências e vinha fazendo-se como classe já há alguns séculos, antes de formar o operariado inglês. Portanto, não há uma inserção fixa nas relações de produção, não há de se falar em classe como “coisa”, mas se deve pensá-la como um fenômeno histórico no qual as relações de produção são sempre fundamentais, mas impactarão de forma diferente na formação da consciência de classe em distintos momentos objetivos, mediadas pela experiência direta dos trabalhadores, num processo de longo prazo em que a classe é que se faz a si mesma. O autor do livro ora resenhado destaca as críticas a essa abordagem de Thompson, especialmente centradas numa suposta carga excessiva de subjetividade no processo de formação de classes a partir da introdução da ideia de experiência. De qualquer forma, sublinha a importância dessa concepção para o pensamento de Wood.

A autora estadunidense, como já foi apontado, tenta operar uma renovação do materialismo histórico que dê conta de pensar as mudanças nas relações de produção do capitalismo flexível da era neoliberal, buscando resgatar o debate sobre classe, articulando-o ao seu modelo de democracia substantiva. Ela parte de uma ideia central: a de que, no capitalismo, a economia ganha uma esfera própria, sustentada no “político”. Ocorre, assim, uma separação entre a cidadania e a condição de classe. Nesse cenário, é possível a existência de lutas por direitos políticos e civis que obtenham êxito sem tocar em

questões-chave da apropriação e dos mecanismos de extração da mais valia, que ocorrem na esfera econômica. No capitalismo, a cidadania expande-se na mesma proporção que deixa de incidir decisivamente sobre a gestão das condições econômicas de reprodução social. Esse rompimento entre cidadania e classe cria um regime “democrático” no qual grupos podem reivindicar avanços prescindindo da categoria “classe”, ou se valendo dela para obter ganhos localizados. No capitalismo, há, mais e mais, a tendência de a luta ser localizada e particularizada, o que não favorece a unidade de classe e a formação da consciência de classe.

Faz-se necessário, portanto, uma concepção de classe que dê conta desse contexto. É na obra de Thompson que ela enxerga potencial para o tratamento dessa questão, pois a ideia de classe como processo e relação – mediada pela experiência, que põe o trabalhador como agente, e não como mera ferramenta revolucionária – implica a produção de uma consciência de classe num contexto novo de luta política, que pode ter na democracia e nos seus processos de participação um instrumento de unificação das lutas dos explorados.

Assim, chegamos à discussão sobre democracia. Em Wood, democracia e classe se relacionam fortemente. Ela, corretamente, aponta que a experiência democrática surge na antiga Atenas a partir dos conflitos entre apropriadores e produtores, significando exatamente um sistema que assegura a autodeterminação dos produtores no exercício do poder. O *demos* não é mera maioria, mas é o povo que produz a riqueza

material, contraposto aos apropriadores dessa riqueza. No capitalismo, a democracia ganha contornos liberais, pois o poder dos produtores se transforma num sistema representativo, portanto, de controle indireto, colonizado pelos interesses econômicos dos apropriadores. Isso só é possível porque a cidadania perde relação direta com a classe. Para ela, então, o projeto democrático deve concentrar-se em recuperar a relação entre poder político e classe operária, ou entre cidadania e *demos*, resgatando a capacidade de o sistema democrático incidir sobre funções econômicas ora intocadas. Nesse processo, ou o poder cidadão recupera a capacidade de determinar a dinâmica da produção de riqueza material, prejudicando, portanto, o esquema capitalista de divisão entre economia e política, ou não há de se falar em democracia.

No esquema de Ellen Wood, a ideia da classe que se constrói a si mesma encontra na democracia, como poder do *demos*, um sistema que estimula a livre associação e a organização direta dos trabalhadores, possibilitando diálogo e unidade entre os diversos interesses presentes no interior dos grupos subalternizados, unificados pela busca do poder popular que seja capaz de incidir sobre as condições estruturais de dominação econômica. Essa é a proposta de democracia substantiva da autora, existente no bojo de sua tentativa de renovação do materialismo histórico, cujo objetivo é resgatar o valor da “classe” no debate contemporâneo dominado pelo pós-marxismo e por versões marxistas que ela julgava inadequadas.

Entendemos que o livro ora resenhado traz uma contribuição importante ao debate sobre a democracia no século XXI, na medida em que resgata reflexões de uma pensadora que insere uma importante corrente, o marxismo, no debate sobre os caminhos da democracia, termo tantas vezes mal compreendido por parte expressiva do pensamento marxista, sempre associado à dominação burguesa e às correntes liberais. A democracia é um valor das classes subalternizadas, surge no mundo antigo como expressão do protagonismo dessas classes e é recuperado no início da era moderna exatamente pelas classes populares, antes de ter sido disputada e desfigurada pelo liberalismo. Ellen Wood capta bem esse sentido e apresenta uma explicação sobre como se deu essa desfiguração: a ruptura entre economia e política operada pelo capitalismo. Ela propõe um resgate do sentido original da democracia, articulada a uma noção de classe que devolve aos explorados a capacidade de fazer-se a si mesmos. Num momento de aparente diluição da questão de classe – aparente porque os determinantes da estrutura do capital que geram suas contradições seguem operando e relacionando-se fortemente com a “classe”, seguindo a trilha de Thompson e Wood, e de Jefferson do Nascimento –, pode estar se formando uma nova consciência classista que terá na construção de uma democracia substantiva um instrumento de rearticulação da luta contra o capital no século XXI.

REFERÊNCIA

NASCIMENTO, J. F. do. **Ellen Wood**: o resgate da classe e a luta pela democracia. Editora Appris: Curitiba, 2019.